O USO DE HISTÓRIAS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA PARA COMPREENDER A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA INFÂNCIA.

Sophia Alfonso Brogini (IC) e Profª Dra. Maria Regina Brecht Albertini (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O seguinte artigo foi realizado com a finalidade de apresentar e discutir a eficácia do emprego de histórias fictícias como intervenção na clínica psicanalítica, investigando as maneiras que os contos de fada, clássicos ou modernos, podem impactar no desenvolvimento de crianças em processo de construção da própria autonomia. Para tal, foi apresentado, em conjunto com as principais etapas do desenvolvimento humano, à luz da teoria de Donald W. Winnicott, como se dá a consolidação de identidade, vinculado à análise do filme *Coraline* (2009) como exemplo ilustrativo. Com a intenção de embasar a revisão bibliográfica da pesquisa exploratória, além de artigos acadêmicos recolhidos, outros autores da Psicanálise como Freud, Bettelheim e Klein enriqueceram a pesquisa com seus conceitos. A análise acompanha a jornada de desenvolvimento egóico da protagonista, de 12 anos, que aprende a abandonar a sua percepção inicial de que os pais não a amam por estarem ocupados com seus respectivos trabalhos. Destaca-se que a apresentação de histórias pode aliviar a angústia de crianças, já que se identificam com os problemas das personagens. Por fim, após verificar-se os usos e eficácia dos contos de fadas dentro de um contexto terapêutico infantil e enfatizar a importância da fantasia compartilhada com a família além do terapeuta, chegou-se à conclusão de que eles podem impactar positivamente o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. Contos de Fada. Identidade da Criança.

ABSTRACT

The present article was written with the intent to present and discuss the efficiency of the usage of fictional stories as a mean of intervention in a psychoanalytical clinical setting, investigating the ways classic or modern fairy tales can impact on children's development process of building autonomy. To this purpose it was given, along with the main steps of human development (according to Donald W. Winnicott), how the child's sense of identity consolidates using an analysis of the movie *Coraline* (2009) as an example. To compose the literature review of the exploratory research, besides academic articles, other authors of Psychoanalysis such as Freud, Bettelheim and Klein enriched the essay with their concepts. The analysis follows the protagonist's, who is 12 years old, journey to egoic development, learning to abandon the perception that her parents don't love her because they're busy working with their jobs. It is highlighting that showcasing these types of stories can relieve children's anguish, because they might find the characters struggles relatable to their own. After confirming the

usage and efficiency of fairy tales inside a therapeutic setting for children and highlighting the importance of the fantasy sharing with the family, it has come to the conclusion that they can impact positively on children's development.

Keywords: Clinical Psychoanalysis. Fairy Tales. Children's Identity

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problema de Pesquisa

A partir da contextualização do processo de desenvolvimento humano e a busca de consolidação de identidade, a presente pesquisa almeja questionar e discutir: como a ficção pode ser utilizada como um meio de intervenção clínica? De quais maneiras a apresentação de contos de fadas clássicos ou histórias modernas podem impactar o desenvolvimento de crianças em processo de construção autônoma? Que papel a clínica psicanalítica e o núcleo familiar podem ter em tal processo?

Portanto, ao apresentar o conceito de identidade e vinculá-lo a uma história infantil como exemplo ilustrativo, este estudo pretende explorar a aplicabilidade dessas narrativas fictícias como possível ferramenta auxiliar na clínica para o processo terapêutico de crianças.

1.2 Justificativa

Uma análise acerca do tema permite concluir que a matéria, que se tornou objeto de estudo no presente trabalho, carece de uma quantidade ampla de pesquisa acadêmica. Além disso, há evidência bibliográfica de que os contos podem potencializar o tratamento terapêutico. De acordo com Hisada (1998), conforme citado por Schneider e Torossian (2009):

[...] a história é uma das possibilidades transicionais que pode enriquecer o trabalho terapêutico. Os contos e as histórias são ótimos canais transicionais, podendo ser utilizados como uma forma de brincar, já que, de acordo com a teoria winnicottiana, é na ação lúdica que o indivíduo cria, facilitando o desenvolvimento.

Considerando que a utilização tanto de histórias contemporâneas quanto contos de fada no processo psicoterapêutico necessitam ter sua aplicabilidade terapêutica ainda melhor explorada, sendo rica em potencial para elaboração de conhecimento útil nos ambientes clínicos, a importância dessa pesquisa não pode ser negada.

1.3 Objetivo

Apresentar como ocorre o processo de consolidação de identidade e as principais etapas do desenvolvimento humano, vinculando a uma história contemporânea que será utilizada como exemplo ilustrativo – a adaptação fílmica, dirigida por Henry Selick em 2009, do livro de Neil Gaiman “*Coraline*” – para assim poder identificar a utilização da apresentação de narrativa de ficção como possível ferramenta auxiliar clínica para a psicoterapia de crianças em processo de construção da própria autonomia.

A presente pesquisa pretende também expandir acervo de informação acerca do tema, aventar novas ferramentas na utilização da apresentação de contos de fadas e/ou histórias

modernas no contexto clínico, ampliando a disponibilidade de conhecimento científico para fins acadêmicos e terapêuticos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desenvolvimento do Sujeito

Há um longo caminho a ser percorrido até a criança ser apta a assumir local de sujeito, com passagens que deverão ser percorridas para alcançar a perfeita consolidação de identidade. A fim de elucidar tais passagens, é necessário explicar, pela concepção do psicanalista Donald Winnicott, os estágios iniciais do desenvolvimento do sujeito: *holding*, *handling* e apresentação de objetos.

O *holding*, ou sustentação, exige a presença da mãe suficientemente boa para ser realizado com êxito, envolvendo o segurar físico da criança e seu cuidado psíquico. Winnicott (1960) escreve que, por meio dessa sustentação, o ego da criança passa de um estado de não-integração e dependência absoluta - por acreditar ser o mesmo que a mãe -, para uma integração estruturada, ou seja, o reconhecimento de si como um "eu unitário" fora da mãe e dos cuidados e apoio psíquico fornecidos por ela. Segundo o autor, o que define se o ego do lactente é forte ou não depende da mãe possuir ou não a capacidade de satisfazer a dependência absoluta da criança nesse estágio inicial, anterior à separação entre mãe e self. Assim, o teórico adverte que caso o *holding* não seja suficientemente bom, processos como o despertar da inteligência e o início do desenvolvimento da mente como algo separado da psique podem não ser concluídos, ou seja, podem não alcançar todo seu potencial hereditário.

Ferreira (2020) escreve que na visão winnicottiana, qualquer sujeito possui a tendência inata para a integração e, conseqüentemente, o desenvolvimento do ego, dependendo do ambiente disponibilizar o suporte para a realização de tais potencialidades. Winnicott (1962) diz que a integração no tempo e espaço está relacionada à função ambiental de segurança, passada pelo desempenho da mãe suficientemente boa que, como fornecedora de cuidado e atenção, torna-se objeto unificador do ego inicial não integrado da criança, conforme explicado por Moura (2008). A criança, graças a experiência do cuidado físico e psíquico da mãe, possui a noção do seu lugar no mundo, possibilitando o início da construção de uma personalidade ao entrar em estado de dependência relativa.

O *handling*, em conjunto com o *holding*, se realizado por uma mãe suficientemente boa, possui importância vital para o desenvolvimento egóico saudável do indivíduo. Esse estágio se constitui do manejo corporal da criança durante seus cuidados básicos, como por exemplo a amamentação. O psicanalista explica que pelo *handling* a realidade interna do sujeito é harmonizada com o seu esquema corporal, auxiliando na diferenciação do Eu, do

outro e na sua personalização - descrita como o reconhecimento da própria psique dentro do próprio corpo, ou a união entre o ego e o corpo (WINNICOTT, 1962, p.52).

O estabelecimento de relações objetais ocorre quando o meio facilitador - a figura materna - propicia a apresentação de um objeto, realizada de maneira satisfatória que seja o bebê o criador do objeto. Winnicott (1982) escreve que, para uma pessoa conseguir ter noção plena de sua existência e diferenciar o real do mundo externo do real na imaginação, é pressuposto que possua uma mãe que, no início da vida, foi capaz de “nos apresentar ao mundo em pequenas doses” (WINNICOTT, 1982, p.77).

Dada a impossibilidade da criança, até os quatro anos de idade, delimitar a realidade da fantasia, Winnicott (1982) explica uma das tarefas mais importantes da maternidade: a mãe vai dividindo com seu filho pequenos fragmentos do mundo externo, com cuidado para a criança não se confundir. De fragmento a fragmento, sem subitamente impor a realidade em crianças pequenas, gradualmente a criança aumenta sua capacidade e interesse de desfrutar do mundo real. Assim, o teórico escreve:

O conhecimento exato da mãe do que é real e do que não é ajuda a criança de muitas maneiras, pois gradativamente a criança vai compreendendo que o mundo não é tal como se imagina, e que a imaginação não é exatamente como o mundo. (WINNICOTT, 1982, p.81)

A figura materna deve dividir seus conhecimentos do mundo real com muito cuidado, já que a aceitação do mundo real não pode significar para a criança a perda da realidade do mundo imaginativo ou interior (WINNICOTT, 1982, p. 78). É possível evidenciar a primeira etapa vital do desenvolvimento humano e do reconhecimento da criança no mundo externo no conceito winnicottiano de objeto transicional: “representa a transição da criança de um estado de fusão com a mãe para um estado de relacionamento com a mãe como algo externo e separado” (WINNICOTT, 1982, p.190). O mundo, tal como se apresenta, segundo Winnicott (1982), é despido de qualquer significação para o ser humano em recente evolução, a não ser que seja tanto criado quanto descoberto. Para a criança o primeiro objeto em qualquer das diversas formas que possa se apresentar, com certeza foi criado pela sua imaginação: “[...]foi o início da criação infantil do mundo e [...], no caso de cada criança o mundo tem de ser criado todo de novo.” (WINNICOTT, 1982, p.191).

Dentro da concepção de tais objetos transicionais pode-se exemplificar os contos de fadas ou narrativas infantis que, conforme explicam Schneider e Torossian (2009), sejam clássicos ou modernos, envolvem de forma gradual, sem impactos que possam gerar sofrimentos e de acordo com a capacidade de absorção de cada um, a fantasia e a imaginação das crianças mesmo na contemporaneidade.

2.2 Contos de Fadas e sua Aplicabilidade Terapêutica

Os contos de fada são definidos por Bettelheim (1980) como ferramentas para os pais auxiliarem as crianças na difícil tarefa de encontrar significado na vida, já que transmitem conhecimento sobre diversos problemas interiores do ser humano – colocados de forma breve e categórica – com personagens não ambivalentes para facilitar a compreensão da criança, indicando possíveis soluções para resolução. Monteiro Lobato, enfatizado por Randino (2003 *apud* Schneider; Torossian, 2009), acredita que histórias são experimentadas pelas crianças como um agente transformador, que os ajuda na construção de sua crítica, criatividade e liberdade, já que pelas narrativas infantis, elas aprendem brincando. Zilberman (1998 *apud* Schneider; Torossian, 2009), afirma que a literatura infantil contemporânea apresenta narrativas que retratam personagens que internalizam várias crises no mundo social, assim possibilitando a identificação de crianças modernas.

Schneider e Torossian (2009) evidenciam que pesquisas de Dieckmann (1986) , Hisada (1998) e Melli&Giglio (1999) denotam o uso de contos de fada na prática da medicina hindu como método terapêutico para pessoas que apresentavam problemas mentais, com o objetivo de estimular meditação. As autoras também afirmam, a partir de sua extensa busca bibliográfica, que os contos podem ser utilizados de forma terapêutica como pontes entre o mundo psíquico e a realidade externa da criança, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento, além de poder agir como dispositivo de contenção de seus aspectos psíquicos. Dessa maneira, a criança não precisará se refugiar em alguma organização defensiva patológica, ou desenvolver um sintoma onde o corpo continuará sofrendo ao invés da mente. (Dias, 2003; Ferro, 1995; Hisada, 1998; Radino, 2001, 2003; Safra, 2005; Shepherd, Johns&Robinson, 1997; Winnicott, Shepherd&Davis, 2005 *apud* Schneider Torossian, 2009).

Caldin (2004), escreve que é vital que na conciliação entre literatura e terapia o narrador incentive a criança a trocar ideias após a narração, assim realizando um exercício de reflexão entre o real e imaginário. Chauí (1984, *apud* Schneider Torossian, 2009) considera que os contos adquirem uma função de “rito de passagem”, auxiliando a criança a administrar o presente, preparando-a para futuras adversidades e separando-a do mundo familiar. A narração, segundo Cyrulnik (2005, *apud* Schneider; Torossian, 2009), oferece uma proteção ao psiquismo da criança, que revive sua história pela ficção. Safra (2005) descreve os contos de fada como uma possibilidade de intervenção na clínica psicológica, podendo servir de auxílio no enfrentamento das dificuldades e no aprofundamento dos vínculos da criança com o terapeuta, e também com sua família.

Como escrito por Alves (1999), essas narrativas dispõem de metáforas que podem servir como ferramentas que ajudam a promover mudanças importantes no curso da psicoterapia, já que podem alcançar metas que a fala por si poderia não alcançar. O artigo de Sbardelotto e Donelli (2014) constata que o emprego do conto de fadas pode ser terapêutico já que constrói um espaço no qual cada criança consegue se identificar com alguma personagem que se aproxima de sua problemática e a partir disso consegue ressignificar sua própria narrativa, diminuindo sentimentos nocivos como ansiedades e angústias. A decisão da utilização ou não de contos de fadas ou histórias infantis contemporâneas no setting clínico depende do terapeuta, a partir da avaliação de transferências e contratransferências estabelecidas em cada caso determinado, portanto o uso indiscriminado de tais ferramentas não é indicado (Hisada, 1998 ; Safra, 2005 *apud* Schneider; Torossian, 2009).

Apesar de Bettelheim (1979) considerar os contos de fada o único produto adequado para a infância, sendo mais terapêuticos do que qualquer outra narrativa, o século XX trouxe uma maior oferta de ficção direcionada à infância e os meios de difusão se ampliaram. Para Corso & Corso (2006), a vida da criança necessita de fantasia para apoiar brincadeiras e pensamento em constante mutação, e elas buscarão sempre que possível a fantasia em todas as formas que podem ter acesso: brinquedos, filmes, livros, programas de televisão, narração de história, entre outros. Assim, tendo conhecimento de que não há um meio privilegiado de consumo de ficção, os psicanalistas infantis se mantêm atentos a novidades que interessam seus pacientes, para um melhor processo terapêutico, já que assim o analista pode identificar quais pedaços de ficção seu paciente está usando para construir a sua subjetividade.

O casal Corso (2006) também escreve que os contos, clássicos ou modernos, oferecem extensos elementos simbólicos que as crianças utilizam para elaborar seus conflitos internos ou externos pela narrativa fantasiosa, componente vital da infância. O trabalho dos autores Pereira e Lemos (2014) indica que as narrativas fictícias servem para a fantasia, brincadeira e elaboração de conflitos, já que elas enriquecem o desenvolvimento das crianças, assim servindo como mediadoras da sua realidade.

As fantasias inconscientes são consideradas a força motora do inconsciente, definidas como a expressão mental dos instintos que dominam qualquer pensamento e atividade, sejam de caráter criativo ou destrutivo, e podem ser constituídas pelos aspectos mais terríveis, mesmo quando o ambiente é facilitador (SEGAL, 1975). Essas fantasias têm como função a satisfação de impulsos instintuais ou desejos, defesa contra a realidade interna e a defesa contra outras fantasias. As crianças já nascem com a capacidade de criar fantasias e, por meio dessas fantasias inconscientes, as pulsões se manifestam, fato que, de acordo com Segal (1975), tem relação com o desenvolvimento da personalidade do sujeito. Como, segundo o pensamento kleiniano, o conteúdo de fantasias inconscientes pode ser modificado

a partir de experiências externas e vice-versa (SEGAL,1975), é possível afirmar que as narrativas fictícias que são apresentadas para crianças podem ser consideradas ferramentas para a elaboração de tais fantasias.

As autoras Pessoa e Costa (2014) escrevem que a experiência da criança no seu círculo familiar, além dos centros de educação, tem uma relevância vital no processo de formação da identidade infantil, já que são nestes contextos que a criança expressa o seu eu, identificando-se ou opondo-se a partir das atividades humanas de sua cultura, e das experiências que vive interagindo com os outros. As mesmas autoras concluem, assim, que as trocas entre criança e adulto podem contribuir para que a identidade infantil se desenvolva, tendo em mente a necessidade da criança possuir um repertório de atividades que estimulem as ações individualmente e com os pares, incorporando e elaborando a cultura apresentada à sua volta. Essas conclusões foram feitas a partir dos estudos de Vigotski (1996) e Wallon [1956]/(1975a), autores que não seguem a abordagem psicanalítica mas possuem contribuições essenciais sobre desenvolvimento infantil, que escrevem que são pelas interações – inicialmente na esfera familiar - que a criança se torna capaz de diferenciar o eu do outro e desenvolver o seu próprio senso de identidade.

As pesquisas EGM Babies e EGM Kids, respectivamente direcionadas a crianças de 0 a 5 anos e de 6 a 9 anos, demonstram um vínculo entre o desenvolvimento infantil e a interação com os veículos tecnológicos da mídia. Os dados, levantados pelo instituto Ipsos, indicam que 93% dos 2.500 entrevistados assistem TV todos os dias; 32% das crianças fazem uso da internet e 25% gostam de ficar na frente do computador. Tendo em vista a alta porcentagem de crianças consumidoras desses veículos midiáticos que atualmente reproduzem diversas histórias e animações direcionadas ao público infantil, o presente artigo apresentará um filme infantil como possível ferramenta clínica.

3. MÉTODO

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório, contando com uma análise qualitativa dos dados recolhidos. Concomitantemente, uma análise fílmica de “Coraline” foi feita com a revisão bibliográfica a fim de acentuar o estudo sobre a construção e a consolidação da identidade no sujeito a partir do levantamento bibliográfico de referencial teórico psicanalítico, com obras de teóricos como Winnicott, Freud, Bettelheim, Corso & Corso e Melanie Klein, além de autores fora da abordagem psicanalítica, voltados a área de educação e desenvolvimento como Wallon e Vigotski. Também foram consultados artigos científicos da plataforma SciElo e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores na busca, a fim de proporcionar um maior aprofundamento no problema de pesquisa: “contos de fada”, “identidade”, “psicanálise”, “aplicabilidade terapêutica”, “infância” e “desenvolvimento infantil”

4. ANÁLISE

4.1 Resumo da História

“Eu queria escrever uma história para as minhas filhas que contasse algo que eu gostaria de ter sabido quando era garoto: ser corajoso não significa não ter medo. Ser corajoso significa ter medo, muito medo, mas mesmo assim fazer o que é certo.” – Neil Gaiman (2012)

O filme que será exposto no presente artigo é *Coraline*, adaptação de 2009 da obra literária de Neil Gaiman, publicada em 2003. O longa-metragem segue a trajetória de Coraline, uma menina de 12 anos que acaba de se mudar com os pais para um grande e antigo casarão chamado “Palácio Cor-de-Rosa”, que é dividido em apartamentos, ocupados pelos seus peculiares vizinhos. No apartamento de cima mora o Sr. Bobinsky, um russo que é dono de um circo secreto de camundongos; no apartamento do andar de baixo moram as idosas atrizes e dançarinas burlescas aposentadas - Miriam Forcible e April Spink - que têm como hobbies colecionar cachorros terrier, lembrar o passado e interpretar folhas de chá. Durante os primeiros dias de mudança, Coraline se apresentou a todos os vizinhos e explorou a extensa área externa da casa, onde conheceu um gato preto e seu dono, Wyborne, um menino da mesma idade que ela e que era neto da dona do Palácio. Foi ele quem entregou à menina uma boneca de pano que encontrou em sua casa, semelhante a ela da cabeça aos pés.

Após tentativas falhas de chamar a atenção de seus pais, que passavam os dias trabalhando em casa para um catálogo de jardinagem, Coraline começa a se aventurar pelos inúmeros cômodos da casa até se deparar com uma pequena e misteriosa portinhola que, quando aberta apenas mostrava uma parede de tijolos. Durante a noite, um camundongo a atraiu para a portinhola novamente, que dessa vez abriu um estranho portal. Ao atravessar o portal, encontra uma versão curiosamente semelhante ao seu mundo, porém as cores pareciam mais brilhantes e os quadros menos melancólicos tornando a atmosfera toda mais acolhedora. A garota foi recebida por sua Outra Mãe e Outro Pai, que se apresentavam mais felizes e atenciosos do que os seus pais na vida real, realizando todos os desejos que Coraline podia ter, como um grande banquete, bichos de pelúcia que falam em seu quarto, ou um lindo jardim florido no formato de seu rosto. Descobrimos mais de seus arredores, ela encontra versões alternativas e mais atraentes de seus vizinhos, como as senhoras Spink mais jovens apresentando uma de suas peças em um grande teatro ou Bobinsky mostrando seu espetacular circo de camundongos. Wybie tem a boca costurada nessa realidade alternativa – Coraline não gostava quando ele falava demais em seu mundo -, mas ainda é um bom amigo. Todos os componentes desse mundo compartilham algo em comum: botões no lugar de olhos, assim como a boneca que tinha ganhado de Wyborne. Quanto mais sedutor o Outro

Mundo se tornava, mais a menina queria ficar para sempre, mesmo quando o gato preto original do seu mundo, que é capaz de falar no Outro Mundo, tendo avisado para ser cuidadosa.

Em sua terceira visita, a Outra Mãe a convida para ficar no Outro Mundo para sempre. Logo, Coraline percebe que o convite vem com um preço: a condição para permanecer com eles era costurar botões nos seus olhos. Com medo, tenta escapar pela portinhola por onde tantas vezes entrou, mas é parada por sua Outra Mãe. Ao se sentir traída, a Outra Mãe com traços inicialmente tão delicados toma sua verdadeira forma: uma criatura monstruosa com um longo pescoço e partes do corpo afiadas e pontudas, lembrando a forma de uma aranha. A menina, assustada, consegue escapar, mas encontra do outro lado uma casa sem seus pais verdadeiros. Percebendo que eles deviam ter sido sequestrados pela Outra Mãe, Coraline retorna determinada a encontrá-los, porém é pega novamente.

Após dessa vez engolir a chave da saída, a Outra Mãe tranca a menina dentro de um espelho, onde ela encontra o fantasma de três crianças que a criatura já tinha matado – são elas que explicam como a boneca de pano do mundo dela servia como olhos para a Outra Mãe espionar e dão a Coraline a ideia de propor um jogo com a Outra Mãe, para assim ter uma chance de fugir.

A proposta feita é a seguinte: se Coraline conseguisse encontrar os olhos das crianças mortas para libertar suas almas até o fim da noite, ela poderia deixar o Outro Mundo junto com seus pais verdadeiros – que foram presos em um enfeite de globo de neve - e nunca mais voltar; se ela perdesse, ela abriria mão dos seus olhos para serem substituídos por botões e permaneceria para sempre sendo amada pela Outra Mãe.

Assim, sempre guiada pelo gato, a menina parte em busca de reunir os três pares de olhos. Depois de encontrar cada par em uma região do Outro Palácio, Coraline retorna para o outro apartamento para poder coletar seu prêmio: em um momento de desespero, a Outra Mãe expelle a chave enquanto vê o mundo que criou se desintegrando à sua volta e tenta a todo custo não deixar a menina ir embora. Resgatando rapidamente o globo de neve onde estavam seus pais, a protagonista consegue escapar por pouco, trancando a porta ao sair.

De volta ao seu mundo, seus pais verdadeiros agem como se nada de estranho tivesse acontecido, mas Coraline não se importa e abraça ambos. O casal estava animado pela aprovação do catálogo de jardinagem e traziam de presente para a filha as luvas coloridas que ela tanto queria. Também avisam que no dia seguinte iam trabalhar no quintal, para deixar repleto de flores para quando os amigos da filha visitassem, e que ela poderia convidar todos os vizinhos para ajudar. Assim se encerra a história: a família e os amigos de Coraline felizes, trabalhando em conjunto no jardim que ela tanto havia sonhado.

4.2 Análise

Bettelheim (1980) acreditava que os contos de fada auxiliavam a criança no início da descoberta de sua identidade, fornecendo experiências que são necessárias para seu desenvolvimento de caráter pelo fato de que crises psicossociais são simbolicamente representadas por aspectos fantasiosos como feras, fadas e bruxas, mas seus heróis e heroínas seguem humanos como seus espectadores. Ainda que se tratando de uma história moderna, *Coraline* é capaz de cativar o público infantil da mesma forma que um conto de fadas tradicional, já que promove a estimulação da imaginação e fantasia das crianças além da identificação com os sentimentos, muitas vezes conflituosos, da protagonista. Como enfatizado pelo casal Corso: “os contos de fadas, incluindo sua magia e seu incurável romantismo, não morrem, apenas se transformam”. (CORSO e CORSO, 2011, p. 69).

O filósofo Henri Wallon [1954]/(1975b) escreveu que é pelo contato familiar que a criança aprende as formas iniciais de interação, já que é seu primeiro ambiente cultural e social. Interagir com o outro, utilizando-se de recursos lúdicos, é um aspecto importante para que a criança consiga diferenciar o que lhe pertence ou não, já que o “outro” exige da criança formas diferenciadas de ações e reações, permitindo a construção de posicionamentos por meio dos quais a criança vai diferenciando e formando a sua individualidade (PESSOA, COSTA; 2014). Assim, a família ou adulto responsável apresentar filmes para as crianças pode ser considerado como uma ferramenta que é capaz de, a partir de sua narrativa, estimular a reflexão da criança espectadora sobre como determinada ação de alguma personagem pode ser identificada ou aplicada a si própria, como por exemplo, a protagonista da história e a sua curiosidade e coragem.

Sobre a história exemplificada, Rodriguez e Acker (2019) escrevem: “*Coraline* expressa por meio de elementos fantásticos questões da realidade da infância, seja na atualidade ou no imaginário cultural, acerca dessa fase do desenvolvimento humano”. Obras cinematográficas infantis do mesmo gênero de *Coraline* podem acrescentar ao desenvolvimento humano de uma criança pois evidenciam uma das principais forças motivadoras da conduta humana: o medo, diretamente ligado às noções de preservação (STORCH, 2016, p.21). Nasi (2016) coloca o sentimento do medo como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento egóico de uma criança, que passa a se conscientizar de ameaças, estimulando a psique ao trazer inseguranças e receios à tona, notando que “é fundamental que ela se perceba como um eu capaz de adquirir autonomia, manter relações com seu mundo interno e com o mundo ao redor” (NASI, 2016, p.162).

Entretanto, é importante ressaltar que, considerando Winnicott (1949), para obter o desenvolvimento saudável do psicossoma, é preciso que seja proporcionado um ambiente

adequado, que se adapta de forma ativa e sem perturbações às necessidades da criança. Portanto, mostrar tais tipos de filmes para crianças que ainda não possuem sua estruturação psíquica devidamente integrada podem desencadear possíveis desequilíbrios. Uma vez que, como seu conteúdo ainda não pode ser completamente assimilado, esses filmes são percebidos como falhas ambientais, ou seja, como uma espécie de intrusão que pode perturbar a adaptação da criança.

Quando uma criança entra em contato com os sentimentos – como raiva, alegria, tristeza, medo, senso de justiça – que as histórias infantis e seus personagens instigam em sua imaginação, ela tem a oportunidade de lidar com seus conflitos internos, precisando em alguns casos ser direcionada à realidade a fim de que viva de maneira saudável (MORAIS, 2019). Em tais histórias, o herói ou heroína é recompensado e o vilão recebe sua punição merecida, satisfazendo a profunda necessidade de que a criança (que tantas vezes tem a sensação de ser tratada injustamente) sinta que a justiça prevaleça. Dessa forma, ela se convence de que deve agir de maneira correta, mesmo constantemente tentada a ceder a impulsos dos desejos de suas fantasias inconscientes (BETTELHEIM, 1980, p.177).

A protagonista tem 12 anos de idade e, com a mudança para um local longe de seus amigos, e de tudo que está acostumada, convivendo somente com os pais que parecem estar sempre ocupados com o trabalho, se sente sempre negligenciada. Os sentimentos de tédio, abandono e solidão dominam os primeiros dias da mudança. No início do filme, é evidente que a garota não se sente acolhida: a mãe se comporta de maneira aparentemente agressiva – como ao falar que não tem tempo para a filha – e o pai está constantemente exausto, porém possui comportamentos mais acolhedores e, mesmo não tendo tempo para Coraline durante os horários de trabalho, dá sugestões de passatempos e canta para ela durante as refeições. A descoberta do portal para o Outro Mundo, oriunda da curiosidade e do tédio, é o que dá início à sua aventura.

A Outra Mãe e o Outro Pai, em um primeiro momento, eram acolhedores e atendiam todos os desejos de Coraline, como o grande banquete que realizaram em seu primeiro dia, que possuía tudo o que ela poderia imaginar, e também o quarto colorido com bonecos de pelúcia animados que haviam preparado especialmente para a “filha”. Apesar de maravilhada, havia para a menina o aspecto de estranhamento constante pelos botões no lugar de olhos, contudo ela ignorava. Após se deparar com o gato de Wyborne – que não fala no mundo real – avisando que todos os aspectos atraentes do local vão provar não ser o que ela esperava, a garota começa a ter suspeitas.

Um tempo depois de explorar os entornos do Outro Mundo, foi convidada pelos seus Outros Pais a permanecer lá para sempre, recebendo como presente uma pequena caixa com

botões e uma agulha. Coraline então percebe que para ficar com eles, devia perder a sua visão, a sua individualidade. Assim, a menina decide fugir e voltar para o mundo real. Sua recusa e repentina rebeldia desencadeiam a raiva de sua Outra Mãe (que possuía outro nome em sua verdadeira forma: *Beldam*, explicado para Coraline pelos espíritos de crianças que tiveram suas visões e vidas roubadas, quando ela foi trancada no espelho depois que retornou ao Outro Mundo à procura de seus verdadeiros pais).

Os conceitos evidenciados por Melanie Klein de voracidade e pulsão de morte possuem destaque nos comportamentos agressivos e destrutivos da Outra Mãe após Coraline recusar a oferta de ficar no Outro Mundo em troca de seus olhos. A pulsão de vida inicialmente manifestada - onde todas as necessidades dela eram gratificadas e, conseqüentemente as da Outra Mãe também ao ver a menina como uma presa caindo aos poucos em sua armadilha - foram substituídas após a *Beldam* tomar a sua verdadeira forma, completamente oposta a figura mais atrativa semelhante a mãe da menina. Com a frustração de ter tido sua oferta recusada, a Outra Mãe, com sua forma esguia e repugnante, se torna agressiva e visa a destruição de Coraline, de maneira mais intensa do que as outras crianças que havia consumido anteriormente, que haviam aceitado ter seus olhos substituídos por botões. Esse desejo intenso e impulsivo de possuir até conseqüentemente destruir o objeto amado – a protagonista - pode ser interpretado como uma característica da voracidade presente na Outra Mãe (SEGAL, 1975).

Aspectos centrais da narrativa analisada podem ser relacionados com o conceito de *Unheimliche*, ou o inquietante, de Sigmund Freud, descrito como “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, [1919]/(2010), v.14, p.331). Entre esses aspectos está o Outro Mundo ser semelhante a tudo que Coraline conhece, mas com diferenças às vezes singelas e muitas vezes obscuras, entre elas os botões ao invés de olhos de todas as pessoas que conhecia, as pelúcias de seu quarto terem vida própria, e a anatomia real da Outra Mãe – que lembrava uma aranha.

Pelos estudos de Freud, a questão de botões no lugar de olhos se trata de um aspecto do inquietante, pois a experiência psicanalítica indica que o medo de ter os olhos roubados ou lesionados geram na criança uma terrível angústia. As “fantasias de corpo invadido”, da perspectiva kleiniana (SEGAL, 1971), se relacionam com o medo persecutório sentido com a possibilidade de perder seus olhos. Assim, o medo que Coraline sentiu com a perspectiva de ter os seus próprios olhos substituídos por botões para poder ficar definitivamente no Outro Mundo pode ser relacionado com o medo de castração, já que sem a sua visão, ela perderia sua maneira individual de perceber o mundo. Além disso, foi apenas resgatando os olhos das crianças consumidas por *Beldam* que seus espíritos conseguiram se libertar da prisão do Outro Mundo.

Os componentes do Outro Mundo podem ser classificados como “duplos”, já que são personagens com aparência quase idêntica - tirando os botões como olhos - aos vizinhos e à família de Coraline e parecem também possuir os mesmos conhecimentos e vivências (FREUD, [1919]/(2010), v.14, p.351). Freud (1919) escreve que o caráter do inquietante sobre o duplo pode vir do fato que inicialmente ele tinha um significado mais amigável, como os “Outros” agindo inicialmente de forma atraente e receptiva à Coraline, mas que se tornou algo terrível, como a Outra Mãe mostrando a sua verdadeira forma e prendendo a garota na sala atrás do espelho onde encontra os espíritos de crianças que foram mortas após terem botões costurados nos olhos.

Ainda sobre o *Unheimliche* presente no filme, é perceptível o chamado “efeito inquietante do retorno do mesmo”, ou seja, aquilo que pode lembrar a compulsão de repetição interior, como tentar fugir e retornar ao mesmo local (FREUD, [1919]/(2010), v.14, p.356). Na história, isso ocorre quando Coraline e o gato tentam fugir do Outro Mundo pela floresta apenas para, após tanto caminhar, chegar exatamente no ponto onde haviam saído. A menina pergunta ao gato “como se pode sair de um lugar e ainda voltar para ele?” e o gato aponta que tudo construído pela Outra Mãe no Outro Mundo foi em base do que é familiar à realidade de Coraline, que era espionada pela boneca de pano dada por Wyborne.

Apesar de ser proibido de entrar na casa, já que a avó acreditava que era assombrada, Wyborne e Coraline construíram uma amizade pelas imediações do terreno. Foi graças a ele que Coraline conseguiu dar um fim às ameaças da Outra Mãe, prendendo a sua mão com a chave do portal para o Outro Mundo dentro de um poço profundo no mundo real, após ter resgatado seus pais verdadeiros. Wyborne é um personagem exclusivo do filme, porém pode ser considerado vital para a trama, dado que inicialmente, enquanto a protagonista se sentia negligenciada e solitária, representou a única interação de alguma forma acolhedora. Segundo Bettelheim (1980), uma das grandes ameaças na vida do homem é ser abandonado, fato chamado pela psicanálise de ansiedade de separação, e quanto mais novo o sujeito, mais agonizante é sua ansiedade sobre o medo da solidão, já que a criança sofre se não for adequadamente protegida e cuidada (BETTELHEIM, 1980, p.179). Entretanto, as histórias podem prover o consolo de que nunca será abandonada. Com isso em mente, o menino pode ser visto como um alívio que ameniza as angústias tanto para Coraline quanto para o espectador, já que a protagonista não precisa enfrentar as adversidades sozinha, como na obra literária original.

Da mesma forma em que a heroína é projetada em perigos graves com sua jornada, a criança que assiste pode enxergar a vida, mesmo quando ela segue sob circunstâncias favoráveis no ambiente. Segundo Bettelheim (1980), a criança observa a vida como uma sequência de períodos de calma e sentimentos de segurança e despreocupação com o

mundo que são interrompidos de repente e de maneira incompreensível quando é lançada sobre perigos que ela percebe como imensos, posto que, como dito anteriormente, os personagens das histórias infantis exercem grande influência sobre as emoções e o desenvolvimento da personalidade das crianças, já que pela identificação eles podem servir como modelo na formação de valores e atitudes. Pela oportunidade de vivenciar momentos de tensão e pela comparação dos dilemas e problemas existenciais vividos nas histórias com os seus próprios, a criança sente que, a partir da jornada das personagens, recebe um auxílio para a administração de seus conflitos e sentimentos, tornando-os mais compreensíveis (MORAIS, 2019). Bettelheim (1980) também escreve que o sentimento de insegurança é substituído pela ideia de esperança, pois com as histórias infantis e a garantia de final feliz, as crianças percebem que se enfrentarem o problema, lutando bravamente, a situação pode ser revertida, apesar de serem difíceis e aparentemente inevitáveis.

Na perspectiva kleiniana, pode-se dizer que no início da história Coraline se encontra na posição esquizo-paranóide, já que os sentimentos de amor e ódio se encontram delimitadamente cindidos - entre as impressões ruins em que o Mundo Real causava na menina em comparação com o Outro Mundo, que inicialmente atendia todos os seus desejos, por exemplo. Além disso, houve a clara idealização de objeto (a Outra Mãe e seu mundo), atribuídas à insaciabilidade da demanda de amor, dado ao anseio de gratificações ilimitadas. Fica claro como, em primeiro momento, a idealização do Outro Mundo provoca em Coraline a intensificação exacerbada dos aspectos bons do ambiente, que tem como objetivo a anulação de aspectos que causam desconforto ou desprazer, como a falta de atenção dos seus pais verdadeiros (KLEIN, 1946 apud CINTRA, 2010, p.108).

Com o decorrer da aventura, é perceptível a elaboração da posição paranóide de Coraline, já que a ausência de seus pais verdadeiros e a ameaça da Outra Mãe a ajudaram a perceber que eles não são negligentes, e que sentem amor por ela mesmo quando estão ocupados com o trabalho. A posição depressiva é elaborada quando a ambivalência entre os sentimentos de ódio e amor são lidados, prevalecendo como resultado, os impulsos amorosos sobre os de frustração com a falta de atenção que Coraline sentia (CINTRA, 2010). Pode-se dizer que a sensação inicial de abandono e negligência foi crucial para o seu desenvolvimento, já que sem esse distanciamento, ela nunca teria embarcado nesta aventura que a ajudou a compreender e elaborar suas angústias e, conseqüentemente, crescer.

Em um ponto de vista winnicottiano, poderia ser afirmado que no início do filme a menina não havia concluído o processo de integração egóica, considerando que o ambiente à sua volta não conseguiria ser classificado como suficiente bom visto que constantemente buscava alguma espécie de atenção e cuidado dos pais, que pareciam estar sempre ocupados demais com seus respectivos trabalhos para dar atenção à filha. Seus primeiros

dias no Outro Mundo foram marcados por um *holding* exacerbado, em que a Outra Mãe satisfazia todo e qualquer desejo que Coraline poderia ter, a fim de criar um vínculo de dependência absoluta entre as duas. Após perceber a gravidade da oferta da *Beldam* de mantê-la no Outro Mundo em troca de seus olhos e retornar para sua casa sem encontrar seus pais, Coraline lutou bravamente contra algoz e resgatou-os de seu cativeiro em uma bola de neve decorativa, fechando a porta do Outro Mundo ao sair. Com o fim da batalha, e de volta ao seu verdadeiro lar, seus pais entram pela porta da frente, sujos de neve e sem nenhuma memória do ocorrido. Avisando que haviam concluído o calendário que estavam trabalhando, sua mãe também trazia consigo o par de luvas coloridas que Coraline queria para usar na nova escola. Recebendo-os com um abraço apertado – o primeiro visto na duração do filme - a protagonista percebe que o fato de seus pais estarem ocupados não significa que o amor e cuidado por ela é nulo.

Conforme Bettelheim (1980), por mais fantasioso que um conto de fadas seja, o seu fim deve retornar a criança ao seu mundo real, já que a fantasia só pode dominar seu consumidor temporariamente. Ao fim de sua jornada, Coraline se encontra com seu ego desenvolvido, compreendendo que para encontrar o seu próprio lugar no mundo, ela deve aceitar que não irá conseguir ser tudo para os seus pais como ela desejava, já que também possuem um ao outro e suas próprias responsabilidades. Na realidade, para ser totalmente “tudo” para alguém é na realidade deixar de existir, se deixar ser possuído – como a oferta da Outra Mãe (RUDD, 2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pretendeu apresentar e abrir um espaço de discussão sobre a possibilidade do uso de histórias fictícias dentro da clínica psicanalítica infantil, mais especificamente pela apresentação de filmes, como ferramenta de auxílio para crianças iniciarem o processo de descoberta e compreensão de sua própria identidade além da dependência absoluta do núcleo familiar. Para tal foi enfatizado, conforme a teoria winnicottiana de desenvolvimento humano (1949 - 1980), a importância de um ambiente saudável e o papel da família em garantir a segurança da criança no processo de descoberta do mundo a sua volta, conseqüentemente desenvolvendo pouco a pouco sua independência à medida em que seu ego é consolidado.

Os contos de fada, clássicos ou modernos, podem desempenhar o papel de objetos transicionais facilitadores dentro desse processo de desenvolvimento egóico da criança, visto que as narrativas fantasiosas podem promover identificações com suas personagens e mobilizar sentimentos latentes. O arcabouço teórico apresentado demonstra a eficácia que o emprego dessas histórias podem ter em um contexto terapêutico, aliviando sofrimentos e por

vezes elaborando angústias por meio das metáforas apresentadas, que podem ser correlacionadas com as vivências dos pacientes, auxiliando assim na ressignificação de possíveis sentimentos nocivos (SBARDELOTTO e DONELLI, 2014). Para ilustrar, foi colocada uma breve análise de uma história moderna – o filme *Coraline* – sobre uma menina de 12 anos que sentia que não era amada pela sua família por não receber toda a atenção que desejava, mas que acaba sua jornada encontrando seu lugar fora da concepção de dependência unitária com seus pais.

Coraline é uma heroína humana, ambivalente, sujeita a erros e acertos como qualquer um de nós. Seus medos e inseguranças quanto a suspeita de falta de amor e atenção de seus pais, além de seus sentimentos de tédio e solidão, podem ser correspondentes às vivências do público infantil e essa identificação nas telas valida os sentimentos das crianças como algo normal a se sentir. A aventura da protagonista, ainda que fantasiosa, ajuda seus espectadores a compreenderem suas próprias realidades, e o final dela transmite a mensagem que o fato de seus pais estarem ocupados com seus trabalhos, incapazes de dar a atenção desejada por sua filha, não significava a falta de amor ou de cuidado. Com o tempo, as formas de cuidado acabam por se readaptar conforme o crescimento dos filhos e responsabilidades externas de sua família.

Por fim, é importante ser ressaltado que além de seu uso dentro da clínica de Psicanálise, a família das crianças podem e devem, dentro de seus lares – principalmente no contexto atual de pandemia da COVID-19, que acaba por aumentar a frequência de consumo televisivo ou de serviços de streaming – participar ativamente das fantasias de seus filhos, seja compartilhando delas por meio das histórias que assistem em suas telas ou leem em seus livros. A importância da participação dos pais nas fantasias de seus filhos foi destacada por autores psicanalíticos, como por exemplo Bettelheim (1980), que escreveu que dessa forma as crianças se sentem compreendidas e seguras para elaborar possíveis temas inconscientes acerca de conflitos que sentiam sobre suas famílias. Assim, aprofundando os laços familiares (Corso e Corso, 2006), os adultos ajudam seus filhos a gradualmente encontrarem significados na vida e seus próprios lugares no mundo como indivíduos além da esfera familiar.

6. REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 72-89, jan. 2004. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa, CINTRA, Luís Claudio Figueireido. Melanie Klein - Estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2010, cap. 3 e 4.

CORALINE. IMDB. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0327597/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

FERREIRA, Caio. Winnicott: Holding, Handling e Apresentação dos Objetos. [S.l.], 8 jan. 2020. Disponível em: <https://psicologos.com/2020/01/08/winnicott-holding-handling-e-apresentacao-dos-objetos/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FINGER SCHNEIDER, Raquel Elisabete; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 mar. 2020.

FREUD, Sigmund. O inquietante (1919). In: FREUD, Obras completas – vol 14. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010, p. 329-376.

HISADA, Sueli. A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma visão winnicottiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOURA, Joviane Aparecida de. Winnicott - Principais Conceitos. *Psicologado*, [S.l.], 2008. Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/winnicott-principais-conceitos>. Acesso em 22 abr. 2020.

MORAIS, Maria Luiza Batista de. A influência dos personagens infantis dos contos de fada no desenvolvimento psíquico e pedagógico das crianças. Centro Universitário de Goiás – UNHANGUERA, Goiânia, jun. 2019. Disponível em: <http://repositorio.anhanguera.edu.br:8080/handle/123456789/269>. Acesso em: 13 out. 2020

NASI, Maria Teresa Corbucci Caldeira. Representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19099>. Acesso em: 13 de mar. 2020.

PEREIRA, Veruska Oliveira Bonete; LEMOS, Moisés Fernandes. A função terapêutica dos contos de fadas: sentimentos e conflitos humanos. *Perspectivas em Psicologia*, v. 17, n. 2, 2013.

PESSOA, Camila Turati; COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça. Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 501-509, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

85572014000300501&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183774>.

RODRIGUEZ, Alexia. As experiências de horror na infância no filme Coraline. Orientadora: Ana Maria Acker. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20., 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: INTERCOM, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0796-1.pdf>. Acesso em: 13 de mar. 2020.

SAFRA, Gilberto. Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança. São Paulo: Sobornost, 2005.

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975, cap. 2.

SBARDELOTTO, Flavia Cambuzzi e DONELLI, Tagma Marina Schneider. Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. *Contextos Clínic* [online]. 2014, vol.7, n.1 [citado 2020-03-13], pp. 37-48. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1983-3482. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.71.04>.

STORCH, Carla Ribeiro do Lago. Estudo sobre os fatores de medo e os fatores de proteção na infância em uma visão junguiana: criação de instrumento para avaliar medo e proteção na Infância. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19597>. Acesso em: 13 de mar. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. Obras escogidas IV. Psicología infantil. Incluye paidología del adolescente y problemas de la psicología infantil. Madrid: Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones, 1996.

WALLON, Henri. As etapas da personalidade na criança. In: Wallon, Henri. *Objetivos e Métodos da Psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1956-1975a.

WALLON, Henri. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. (1954). In: Wallon, Henri. *Psicologia e educação da infância (antologia)*. Lisboa: Estampa, 1975b.

WINNICOTT, Donald Woods. (1982). *A criança e seu mundo*. 6ª. edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 270 p.

WINNICOTT, Donald Woods. A mente e sua relação com o psicossoma. (1949). In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 332-346

WINNICOTT, Donald Woods; WINNICOTT, Clare; SHEPERD, Ray; DAVIS, Madeleine (orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1990.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

93% de crianças assistem à TV todos os dias, diz Ipsos. Exame, 11 nov. 2013. Tecnologia. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/93-das-criancas-ate-9-anos-assistem-tv-todos-os-dias-diz-i/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

Contatos: sophiaalfonsobrogini@gmail.com e mariaregina.albertini@mackenzie.br